

**Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no National
Museum: LGBT History and Culture**

**For a transgressive historiography:
problematizing the historiographic operation in the National
Museum: LGBT History and Culture**

Caio de Souza Tedesco¹

DOI 10.26512/museologia.v11i21.41428

Resumo

Este artigo resulta da monografia “Nós somos complexos”: historiografia queer na contemporaneidade - uma análise da operação historiográfica no National Museum: LGBT history and culture, na qual analisei a operação historiográfica no National Museum: LGBT History and Culture, com objetivo refletir sobre potencialidades da historiografia queer no tensionamento da cisheteronormatividade e da LGBTfobia. Dividido em três partes, foram analisados: o lugar social do Museu, sua prática historiográfica e sua escrita da história. Ademais, investiguei as concepções de gênero, sexo e sexualidade presentes em tal operação, a fim de problematizar determinismos e fundacionalismos biológicos. Nesta escrita, através de uma perspectiva transfeminista, decolonial e interseccional, pretendo problematizar sua operação historiográfica, elaborando uma reflexão acerca de história, memória e identidade queer estadunidenses.

Palavras-chave

história; historiografia Queer; Museu LGBT; gênero; sexualidade;

Abstract

This article results from the monograph “Nós somos complexos”: historiografia queer na contemporaneidade - uma análise da operação historiográfica no National Museum: LGBT history and culture, in which I analyzed the historiographical operation present in the National Museum: LGBT History and Culture, aiming to reflect on the potentialities of queer historiography in the tensioning of cisheteronormativity and LGBT-phobia. It was divided into three parts: the social place of the Museum, its historiographical practice and the writing of History of the Museum. In addition, I investigated the conceptions of gender, sex and sexuality present in such operation, in order to problematize biological determinism and biological foundationalism. In this writing, through a transfeminist, decolonial and intersectional perspective, I intend to problematize its historiographical operation, elaborating a reflection on queer history, memory and identity from United States.

Keywords

history; Queer historiography; LGBT Museum; gender; sexuality

¹ É transhomem, transativista, professor de história e pesquisador. Mestrando em História (2020) e Licenciado em História (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (PPGH/UFRGS), desenvolve pesquisa na linha Relações Sociais de Dominação e Resistência e articula Estudos de Gênero com a pesquisa historiográfica. Em sua investigação atual, debruça-se sobre História das Relações de Gênero no Brasil, com foco em História das masculinidades, mais especificamente transmasculinidades. Anteriormente, desenvolveu pesquisas nas áreas de Historiografia; Educação; Ensino de História; Estudos de Gênero; Memória, História e Museologia LGBT+. Integra: o CLOSE - Centro de Referência da História LGBTQIAP+ do Rio Grande do Sul (@close.historia); o GENHI - Grupo de Estudos de História e Gênero do IFCH/UFRGS; a Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social; e o HTA - Homens Trans em Ação - RS (@homenstrans). Foi professor de história e organizador do Coletivo pela Educação Popular TransENEM (@transenem) de jan/2016 a jan/2021. Pronomes: ele/dele.

Introdução

Arquitetando a problematização: para que transgredir a operação historiográfica no National Museum: LGBT History and Culture?

Em tempos de *fakenews*, *autoverdade*² e da invenção da *ideologia de gênero*³, torna-se urgente articular de maneira honesta a produção de *saber-poder* (FOUCAULT, 2013) com seu inevitável viés político, intrinsecamente ligado às legitimações de identidades e existências. Assim, com base em Donna Haraway (1995), Judith Butler (2015), Avtar Brah (2006), Michael Pollak (1992), Michel de Certeau (1982; 2011), entre outras e outros *autories*⁴ compreendo que a História detém, nas suas potencialidades, possibilidades de contribuir como agente de transformação social, a fim de construirmos futuros dignos para corpos, existências e identidades plurais que têm sofrido com processos de desunamização (LUGONES, 2008; WALSH, 2009; OLIVEIRA; PORTO, 2014; SIMAKAWA, 2015): mulheres, indígenas, negras(os), lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, pessoas intersexo, transgêneros.

É devido a esta concepção que dou o pontapé inicial deste artigo *localizando-me* (HARAWAY, 1995) e *localizando-o* entrelaçadamente: enquanto homem transgênero e professor de história, concebo que é imprescindível ter um olhar atento para as produções historiográficas como produções científicas, políticas, localizadas, (re)produtoras de subjetividades e (re)produzidas por subjetividades inerentes a qualquer pesquisador(a) (CERTEAU, 1982; 2011). Tais concepções levaram-me à pesquisa que culminou no meu trabalho de conclusão de curso, denominado “Nós somos complexos: historiografia *queer* na contemporaneidade - uma análise da operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*”, cuja pesquisa irei abordar aqui.

Operação historiográfica (CERTEAU, 1982) é o conceito-chave que me permitiu analisar o *National Museum: LGBT History and Culture* [Museu Nacional de História e Cultura LGBT]⁵ enquanto uma produção historiográfica. Fragmentando-se em três partes, este conceito consiste em uma maneira de analisar a História e a partir do seu lugar social, da prática historiadora e da sua escrita. Assim, é possível apreender, respectivamente: os movimentos e contextos sociohistóricos que propiciam que certas temáticas, fontes, narrativas, trajetórias, entre outras questões, sejam historicizadas e pesquisadas; bem como os métodos, técnicas e referências que tornam a História uma disciplina (re)produtora de saber científico; e, por último, compreender as nuances que perpassam e formam a escrita da História, enquanto produto final da pesquisa historiográfica e, também, como detentora de funções sociais.

2 Compreendo o conceito com base em Eliane Brum, que o elucida: “O valor da autoverdade está muito menos no que é dito e muito mais no fato de dizer. ‘Dizer tudo’ é o único fato que importa. Ou, pelo menos, é o fato que mais importa. É esse deslocamento de onde está o valor, do conteúdo do que é dito para o ato de dizer, que também pode nos ajudar a compreender a ressonância de personagens como Jair Bolsonaro e, claro, (sempre), Donald Trump. E como não são eles e outros assemelhados o problema, mas sim o fenômeno que vai muito além deles e do qual são apenas os exemplos mais mal acabados.” (BRUM, 2018).

3 De acordo com Fernanda Moura, a “ideologia de gênero” se trata de um discurso proveniente do fundamentalismo religioso e dos movimentos conservadores. Tal discurso acusa de maneira nociva e falaciosa o campo dos Estudos de Gênero e os movimentos sociais de esquerda, sobretudo feministas e LGBTQIAP+ de “conspirarem para destruir a família e implantar o comunismo” (MOURA, 2018).

4 Considerando o caráter político presente nesta escrita, opto por utilizar a flexão de gênero neutra sempre que possível, baseando-me no quarto sistema elencado no Guia para Linguagem Oral Não-Binária ou Neutra, disponível em: <<https://feliciagd.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra/>>. Último acesso em: 26/11/2021.

5 Todas as traduções presentes neste texto são de inteira responsabilidade minha.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

Sob uma perspectiva transfeminista e *queer*, a análise desta operação historiográfica foi articulada com reflexões teórico-metodológicas do campo dos Estudos de Gênero. Assim, inseri o supracitado conceito de *saberes localizados* de Donna Haraway no cerne da pesquisa, tendo em vista que nos fornece subsídios para compreender como objetividade e subjetividade se fazem presentes nas produções de saberes científicos. Haraway, ao elaborá-lo, afirma que não há um “olho de Deus”, critica a ideia de um sujeito universal⁶ produtor de saberes e afirma que a ciência sempre — e inevitavelmente — se faz a partir de perspectivas e intencionalidades localizadas e parciais.

Ademais, acredito veementemente que a historiografia é uma importante via para a desconstrução da cisnormatividade e da heterossexualidade, compreendidas contemporaneamente como as únicas performances de gênero e desejo naturais, saudáveis, normais e morais. Compreendo gênero, sexo e desejo, sobretudo a partir de Judith Butler (2015; 2019; 2021) e Joan Scott (1995), como constructos sóciohistóricos que encontram no corpo sua expressão, produção, reprodução e materialização. Assim, “[...] compreendo que o corpo, por excelência, é onde o individual e subjetivo se encontram com o social e estruturante” (TEDESCO, 2018: 11). Ainda, estou de acordo com a elucidação de Anne Fausto-Sterling acerca da articulação entre o sociopolítico e o individual-subjetivo nos corpos e sujeitos. Nas palavras da autora,

Levo a sério as idéias de Foucault, Haraway, Scott e outros, segundo as quais nossas experiências corporais devem sua existência ao nosso desenvolvimento em culturas e períodos históricos particulares. Mas especialmente enquanto bióloga quero tornar mais específico o argumento. À medida que crescemos e nos desenvolvemos, nós, literalmente e não só “discursivamente” (isto é, através da linguagem e das práticas culturais), construímos nossos corpos, incorporando a experiência em nossa carne mesma. Para entender essa proposição, precisamos desgastar as distinções entre o corpo físico e o corpo social (FAUSTO-STERLING, 2001: 59).

Dessa forma, compartilho do entendimento de que os processos de subjetivação, materialização e corporificação de gênero, sexo e desejo na contemporaneidade são de ordem política, social, cultural e, mais importante aqui: são processos históricos. Justamente por serem históricos que, em uma sociedade extremamente violenta para aqueles que divergem do sistema gênero/sexo e desejo (BUTLER, 2013) vigente, ou seja, da cisheteronormatividade, torna-se responsabilidade de historiadores os historicizar. Certeau (1982) contribui profundamente em tal debate ao lembrar-nos que a história age na fronteira em que o(s) passado(s) encontram seu(s) futuro(s), e que a própria historiografia cria discursos sobre o passado que detém funções sociais para o tempo presente, o que significa que a história deve ser agente de transformação social.

Além disso, compreendo que as perspectivas teórico-metodológicas da decolonialidade e da interseccionalidade corroboram para uma investigação que abranja a complexidade sociohistórica. Dessa maneira, busco apreender de que forma a *ciscolonialidade* (SIMAKAWA, 2015) e a intersecção entre classe, raça, sexualidade e gênero atravessam e constituem a operação historiográfica em questão. Também se faz pertinente destacar que entender as relações de gênero num viés transfeminista e decolonial significa que partilhar da concepção de que a generificação dos corpos é um fenômeno sociohistórico advindo do

6 Que podemos localizar enquanto homem, branco, cisgênero, heteronormativo/heterossexual, europeu ou norte-americano.

processo colonial e, através desse processo significados e materialidades corporais binárias e cisnormativas (homem = pênis, mulher = vagina) tem sido produzidas, hierarquizadas (homem superior, mulher inferior; cisgênero passível de existir, transgênero supostamente inexistente) e hierárquicas em termos de racialização (homens e mulheres brancos = humanizados; homens e mulheres negros e indígenas = desumanizados) (LUGONES, 2008; BUTLER, 2015, 2019; SIMAKAWA, 2015; OYEWÚMÍ, 2021).

Dessa maneira, nesta escrita discorrerei sobre a operação historiográfica no *National Museum LGBT* com o objetivo de refletir sobre as suas potencialidades para o tensionamento, desconstrução e desnaturalização da LGBTfobia, da cisnormatividade e da heteronormatividade, compreendendo-as no amplo espectro da matriz branca-cisheterocentrada. Arelada a esta reflexão, estão dois pontos interligados e importantes: a questão do Museu enquanto potencial produtor e produto de memórias coletivas/sociais, identidades LGBTQ+ e sujeitos *queer*⁷ (POLLAK, 1992; BRAH, 2006; LUGONES, 2008; BUTLER, 2015).

Ainda, tal qual o conceito de operação historiográfica, este artigo segmentar-se-á em três: primeiro, discorrerei sobre o lugar social do *National Museum LGBT*; após, sua prática historiadora será o foco; na terceira parte, analisarei as narrativas históricas criadas pelo Museu. No final, buscarei problematizar a operação historiográfica no *National Museum LGBT* quanto a sua intencionalidade de (re)produção de uma identidade queer estadunidense, com questionamentos como os seguintes: que identidade é esta? Há pluralidade nas narrativas e trajetórias contadas? Quais sujeitos estão representados? Há (re)produção de cisnormatividade e, portanto, de transfobia? As narrativas articulam gênero e sexualidade com outros *marcadores sociais da diferença* (BRAH, 2006) como raça e classe? Quais concepções de gênero, sexo e desejo estão sendo (re)produzidas pelo Museu? Quais as suas implicações?

Assim, pretendo colaborar com a ideia de que uma historiografia *queer* cria possibilidades de significância, legitimidade e, reitero, futuro mais digno para corpos já existentes, para corpos que mesmo com os processos de desumanização, “teimam” em *reexistir*.

Ademais, é importante elucidar que o Museu Nacional de História e Cultura LGBT foi idealizado pelo arquivista Tim Gold em 2007, junto a uma instituição voltada para angariar fundos para este projeto, a *Velvet Foundation* [Fundação Velvet]. Constitui-se, atualmente, por um site oficial⁸ e uma coleção de mais de 5.000 artefatos (VELVET FOUNDATION, 2016c). A inauguração do seu espaço físico estava prevista para os 50 anos da Rebelião de Stonewall, em junho de 2019, na cidade de Nova Iorque (VELVET FOUNDATION, 2016a), porém não há nenhuma notícia de que tenha ocorrido. Dessa forma, considerando o caráter inteiramente virtual deste museu, as fontes da pesquisa realizada foram: seu site oficial — *About, Outreach, Strategic Planning, Collections* (dividido entre *Collections Policy* e *Preview Our Collections*) e *Exhibitions* [Sobre, Divulgação, Planejamento Estratégico, Coleções (dividido entre Política de Coleções e Visualise Previamente Nossas Coleções) e Exibições] — ; e dez matérias jornalísticas, datadas de 2012 a 2016, sobre o museu e a *Velvet Foundation*. Além disso, a investigação sobre o lugar social do Museu foi efetuada através de uma pesquisa bibliográfica acerca da história dos movimentos e comunidades LGBTQIAP+⁹

7 Neste artigo, decidi utilizar a palavra “queer” tanto para me referir à Teoria Queer, quanto como um sinônimo de LGBTQIAP+, considerando que na cultura estadunidense este segundo uso é o mais comum.

8 Cujo endereço virtual é: <<https://www.nationalgbtmuseum.org/>>

9 Apesar de “LGBT” ser a sigla mais comum para se referir aos sujeitos que divergem de alguma maneira
ISSN 2238-5436

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

estadunidenses, bem como do surgimento de espaços voltados para a história e memória queer e LGBTQIAP+.

“Nós sempre estivemos aqui”? O lugar social do National Museum: LGBT History and Culture

Apreender o lugar social do *National Museum: LGBT History and Culture* trata-se de compreender qual contexto sociohistórico possibilitou sua formação (CERTEAU, 1982). Conforme Diana Kiyo Wakimoto (2012) elucida, parte dos movimentos, comunidades e, em última instância, indivíduos LGBTQIAP+, a busca por retirar as memórias e histórias *queer* do *subterrâneo* (POLLAK, 1989) e colocar em disputa com as memórias oficiais coletivas que invisibilizam os passados deste contingente populacional:

As histórias das comunidades *queer* nos Estados Unidos [...] incluem as reações das comunidades *queer* à discriminação e marginalização, a criação de organizações das comunidades para apoio e ação conjunta, e o compromisso de preservar as histórias destas comunidades. Enquanto as comunidades *queer* são incrivelmente diversas, tais temas as uniram, não de maneira a criar um todo homogêneo, mas em forma de rede, interconectando as organizações e movimentos que obtiveram ganhos significativos nos direitos civis e têm o registro de suas ações e membros preservado nos arquivos da comunidade *queer* (WAKIMOTO, 2012: 13).¹⁰

Ainda, como Wakimoto coloca, tal história não é homogênea, mas formada por uma heterogeneidade que se conecta a partir do gênero e da sexualidade, enquanto marcadores sociais da diferença que geram desigualdades na contemporaneidade. Tendo em vista a amplitude e complexidade desta história, bem como os limites da minha investigação, não pretendo tecer uma aqui narrativa extensa, mas evidenciar a sua importância para a formação do *campo de possibilidades* (VELHO, 1999) através do qual o *National Museum LGBT* foi criado.

Marcada por avanços e retrocessos, nas histórias dos movimentos *queer* estadunidenses é perceptível que gênero, sexo e desejo/sexualidade fizeram — e ainda fazem — parte de um poderoso jogo de disputas sobre quem pode e quem não pode existir, sobre quais configurações familiares são legítimas, sobre quais relacionamentos são legítimos. Os discursos médico-biologizantes têm um papel fundamental “neste jogo”, junto a discursos jurídicos, políticos, entre outros e, foi justamente devido ao jogos de poder discursivos no que condiz à gênero e sexualidade que, na década de 1950 o movimento de lésbicas e gays estadunidense despontou, na época, denominado movimento *homófilo*.

Tal movimento surgiu como uma resposta à intensa repressão homolebotransfóbica promovida pela Era McCarthy, período conhecido na história do

de cisheteronormatividade, opto por LGBTQIAP+, considerando a pluralidade do leque de possibilidades de identificações em relação à identidade de gênero, orientação sexual ou corporalidades divergentes da cisheteronormatividade, abrangendo também: pessoas *Queer*, tendo em vista que este trabalho disserta sobre um museu estadunidense; pessoas *Intersexo*, ou seja, pessoas que, devido a questões genéticas, não são *endossexuais* - XX ou XY (VIEIRA, 2021); Pessoas *Assexuais* (que não sentem atração romântica e/ou sexual); pessoas *Pansexuais* (que sentem atração independente do gênero). Por fim, o sinal de soma busca mostrar a possibilidade de outras autoidentificações.

¹⁰ The histories of the queer communities in the United States [...] include the queer communities reactions to discrimination and marginalization, their creation of community organizations for support and concerted action, and their commitment to preserving the communities' histories. While the queer communities are incredibly diverse, these themes united them, not into a homogenous whole, but into an interconnected web of organizations and movements that have made significant gains in civil rights and have the record of their actions and members preserved in queer community archives". (WAKIMOTO, 2012, p. 13).

país como de perseguição e repressão às supostas ameaças do comunismo, mas que infligiu identidades e práticas “destoantes” de toda cultura normativa de matriz branca-cisheterocêntrica estadunidense. Podemos considerar o macarthismo como o primeiro *backlash* na história dos Estados Unidos que se volta contra avanços sociais, políticos e culturais em direção ao respeito à diversidade e pluralidade de gênero e sexual. Pois, como elucida Susan Stryker (2008: 31-32), podemos traçar uma genealogia das condições para o surgimento do movimento LGBTQIAP+ após Segunda Guerra Mundial um século antes, perceptível em vestígios como decretos municipais que tornavam ilegal pessoas se vestirem com “roupas do sexo oposto”. Isso significa que, se havia legislação, havia sujeitos que realizavam tais práticas, entre outras, relacionadas às possibilidades que a urbanização e avanços tecnológicos abriram para outros modos de ser, estar e se relacionar, sobretudo do século XX em diante e, a partir da década de 1940 com maior intensidade nos grandes centros urbanos, como São Francisco e Nova Iorque (STRYKER, 2008; WAKIMOTO, 2012; PRECIADO, 2018).

Entretanto, devido ao machismo, patriarcado e à cisheteronormatividade, as pessoas designadas como mulheres passaram por mais dificuldade de se libertar das restrições do casamento e parentalidade compulsórias (STRYKER, 2008; BANKE e TENÓRIO, 2021). Por tal motivo, tanto a subcultura lésbica quanto a transmasculina emergiram posteriormente nos Estados Unidos, a partir de 1920, como aponta Stryker, tendo em vista adventos como, pela primeira vez, a população urbana estadunidense ter excedido a população rural e a conquista do direito do voto feminino.

Assim, no macarthismo, com o objetivo de coibir a formação de comunidades queer, duas medidas de discriminação muito graves ocorreram: a inserção da homossexualidade no primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana como um distúrbio de personalidade sociopático, em 1952; e, em 1953, a emissão do decreto 10450 que proibia quem cometesse “perversão sexual” de trabalhar no serviço federal. Para combater tal repressão, foram fundadas a *Mattachine Society* [Sociedade Mattachine] e a *Daughters of Bilitis* [Filhas de Bilitis], em 1951 e 1955, respectivamente. Ambas as organizações buscavam engendrar uma comunidade queer, através do fomento ao pertencimento. Para tanto, criaram os periódicos *Mattachine Review* [Revista Mattachine] e *The Ladder* [A Escada]. Ademais, tinham um caráter assimilatório em relação à cisheteronormatividade, eram compostos por pessoas cis, brancas e de classe média ou alta, ou seja, havia restrições racistas, cisnormativas e elitistas de quem poderia tornar-se pertencente à comunidade em formação (WAKIMOTO, 2012; MATZNER, 2015; PETTIS, 2015).

A história acerca das transgeneridades percorreu um percurso diferente da história sobre as homossexualidades, apesar de entrecruzarem-se. É perceptível, por exemplo, uma diferença entre os discursos médicos, biologizantes e patologizantes sobre identidade de gênero e orientação sexual nas décadas de 1950 e 1960: apesar de tanto a homossexualidade quanto a transgeneridade serem concebidas como doenças, decaía sob a homossexualidade uma discriminação de ordem moral que a considerava uma perversão que deveria ser curada fazendo o sujeito “voltar” a “ser” heterossexual. Todavia, no que condiz à transgeneridade, havia uma parcela crescente da classe médica que a considerava uma doença na qual a hormonização e cirurgias deveriam adequar corpo à mente¹¹.

11 O termo “transexual” foi cunhado pelo médico David. O. Cauldwell em 1949, como um diagnóstico de psicopatologia. Todavia, o conceito que tomou proporções mundiais foi o do endocrinologista Harry Benjamin, na década de 1950, que compreendia a transexualidade como um fenômeno no qual o “sexo

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

Por isso, a formação da comunidade trans está muito relacionada aos grupos de apoio formados por aquelas e aqueles que frequentavam as clínicas transição de gênero, como a *Conversion Our Goal* [Conversão Nosso Objetivo] e o *National Transsexual Counseling Unit* [Unidade Nacional de Aconselhamento Transexual], ambas entidades de São Francisco, a primeira fundada em 1967 e a segunda em 1968, respectivamente. Ainda em 1968, em Nova Iorque, foi fundada uma organização voltada especificamente para homens trans e pessoas transmasculinas, a *Labyrinth Foundation* [Fundação Labirinto], seu idealizador, Mario Martino, foi autor de uma das primeiras autobiografias — que se tem conhecimento — escrita por uma pessoa trans, a *Emergence*, publicada em 1977. Aliás, o fenômeno da literatura sobre pessoas trans, iniciando pela obra *The Transsexual Phenomenon* [O Fenômeno Transexual], na qual o endocrinologista Harry Benjamin tece uma narrativa sobre a transição de gênero de Christine Jorgesen — cuja autobiografia foi lançada um ano após, em 1967 — foi crucial para estas transformações sociais, inclusive incitando a criação de mais de quarenta clínicas voltadas para a transição de gênero entre 1966 e 1976 nos Estados Unidos (BEEMYN, 2014).

Susan Stryker (2008, p. 63-64) considera a atmosfera de profundas transformações sociais da década de 1960 como uma grande convulsão social, considerando a afluência dos movimentos da contracultura, do movimento negro por direitos civis, do *Black Power*, dos movimentos de orgulho étnico nativo-americanos e chicanos e dos movimentos feministas, lésbicos, homossexuais e trans. Porém, mesmo passando por um processo de radicalização nesta década de 1960, foi apenas na década de 1970 que o movimento LGBTQIAP+ começou a se tornar mais plural (WAKIMOTO, 2012). A Rebelião de *Stonewall*, ocorrida em junho de 1969 em Nova Iorque, teve um importante papel nesse quesito, pois teve como lideranças figuras como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, duas mulheres trans, a primeira negra e a segunda latina. Ainda, o *Stonewall Inn*, estabelecimento que foi “arena” dessa rebelião, era um espaço de sociabilidade de pessoas queer negras, latinas, de identidade ou expressão de gênero *inconforme*¹² (BEEMYN, 2014), trabalhadoras e/ou em situação de rua (WAKIMOTO, 2012; BEEMYN, 2014; HILLSTROM, 2016).

Este confronto sujeitos *queer* racializados e a polícia nova iorquina constituíram um marco importantíssimo para a história LGBTQIAP+ em âmbito global. *Stonewall* é uma história de combatividade que inspira a busca por igualdade em detrimento da assimilação, que gerou radicalização, engrandecimento e visibilidade ao(s) movimento(s) *queer*, constitui a memória coletiva LGBTQIAP+ e (re)produz o sentimento de pertencimento e identidade (WAKIMOTO, 2012; BEEMYN, 2014; HILLSTROM, 2016). Ademais, inúmeras entidades de movimento social *queer* foram fundadas após *Stonewall*, como a *Street Transvestite Action Revolutionaries* [STAR - Ação de Travestis de Rua Revolucionárias], a *Gay Activists Alliance* [GAA - Aliança de Ativistas Gays] e a *Queens Liberation Front* [Frente de Libertação das Rainhas¹³].

Entretanto, episódios de revolta cívica muito similares à Rebelião de *Stonewall* não receberam o mesmo reconhecimento na história LGBTQIAP+. Stryker menciona três deles: o primeiro em maio de 1959, na cafeteria *Cooper's Donut*, em Los Angeles; o segundo em 1965, na lanchonete *Dewey*, na Filadélfia; o terceiro em 1966, na cafeteria *Compton*, em São Francisco. Tal qual a Rebelião,

psicológico” do sujeito difere do seu “sexo anatômico” (STRYKER, 2008; BEEMYN, 2014; AGUIAR, 2020).

12 Termo que se refere a todas as pessoas que divergem do que hoje conhecemos como cisnormatividade.

13 “Rainhas”, no caso, refere-se às dragqueens

todas estas revoltas foram protagonizadas por pessoas trans, negras e trabalhadoras. É de se destacar que o “incidente” no Dewey — local de sociabilidade *queer* desde a década de 1940 — ocorreu quando a gerência do local decidiu proibir que indivíduos vestindo “roupas não conformistas” frequentassem o espaço, o que fez com que os protestos realizados na lanchonete fossem considerados os primeiros atos de desobediência civil contra a discriminação antitransgênero (STRYKER, 2008). A rebelião em *Compton*, por sua vez, iniciou de maneira similar a de Stonewall, com uma mulher trans reagindo à repressão policial. No caso, jogando uma xícara de café quente no rosto do policial que a agredia. Stryker (2008: 74-45), destaca que tal rebelião

[...] não resolveu os problemas que as pessoas trans em *Tenderloin* enfrentavam diariamente. No entanto, criou um espaço no qual tornou possível para a cidade de São Francisco começar a se relacionar de forma diferente com seus cidadãos transgêneros — começar a tratá-los, de fato, como cidadãos com necessidades legítimas em vez de simplesmente como um problema para se livrarem. Essa mudança de consciência foi um passo crucial para o movimento contemporâneo de justiça social transgênero — o início de uma nova relação com o poder do Estado e a legitimidade social. (STRYKER, 2008: 74-75)¹⁴

Ademais, a autora também considera que a Rebelião de *Stonewall* tem sido mitificada como origem do movimento LGBTQIAP+. Porém, conforme podemos apreender através de seu trabalho, houve outras revoltas *queer*, além do movimento homófilo ter surgido mais de uma década antes da Rebelião e o movimento trans também ser anterior a ela, como exemplo o grupo *Vanguard*, de 1966, composto pela juventude *queer* de São Francisco.

Ressalto, também, a dificuldade encontrada naquele contexto para formar um movimento LGBTQIAP+ mais coeso. Conforme Genny Beemyn (2014: 24) elucida que Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera foram excluídas da GAA. Por conseguinte, podemos apreender as intersecções de raça, classe e gênero dentro do próprio movimento, fomentando hierarquizações e segregações. Naquele período, o racismo, a transfobia, o machismo e o elitismo também formavam bases para que organizações como a *Gay Activists Alliance* existissem — um movimento estritamente *gay*, cismasculino, branco e elitista. De forma similar, o movimento lésbico, na década de 1970, também buscava se desvincular de e excluir mulheres transexuais, realizando paradas do orgulho *gay* e lésbico exclusivas para pessoas cis e difundindo discursos transfóbicos nos quais chegavam a acusar tais mulheres de “estupradores em potencial” (STRYKER, 2008; BEEMYN, 2014).

Em função dessa realidade marcada por abismos e conflitos dentro do próprio movimento, constituíram-se entidades que procuravam abranger grupos *queer* invisibilizados, subjugados ou segregados pelos existentes. Wakimoto cita, por exemplo, o *Asian/Pacific Lesbians and Gays [A/PLG – Lésbicas e Gays Asiáticos/Pacíficos]*, de 1980; o *BiNet USA*, de 1990; o *Transgender Nation [Nação Transgênera]*, de 1992; e o *Intersex Society of North America [Sociedade Norte-Americana Intersexo]*, de 1993. Ademais, destaco que uma grande conquista

14 “[...] did not solve the problems that transgender people in the Tenderloin faced daily. It did, however, create a space in which it became possible for the city of San Francisco to begin relating differently to its transgender citizens — to begin treating them, in fact, as citizens with legitimate needs instead of simply as a problem to get rid of. That shift in awareness was a crucial step for the contemporary transgender social justice movement — the beginning of a new relationship to state power and social legitimacy.” (STRYKER, 2008, p. 74-75)

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

dos anos 1970's foi a retirada da homossexualidade do DSM, em 1973. Contudo, em 1980, a discriminação transfóbica culminou na inserção da transexualidade na terceira versão deste manual.

Ainda nos anos 1980, a pandemia do HIV/AIDS irrompeu e deixou feridas abertas na história LGBTQIAP+. No caso estadunidense, o primeiro registro de falecimento por Síndrome de Imunodeficiência Adquirida se deu em 1981. Desde então, a doença passou a ser associada, por grupos conservadores, a homens cis gays e a mulheres trans, chegando a ser chamada de “praga gay” (HILLSTROM, 2016). Para confrontar a desumanização sofrida pelas pessoas *queer* diante desta pandemia, tensionar o Estado a cumprir seu papel e desmistificar os estereótipos nocivos que passaram a habitar o imaginário social estadunidense, foram criadas entidades de movimento social *queer* com objetivo de lidar com a pandemia do HIV/AIDS e seus efeitos calamitosos, como a ACT-UP [*AIDS Coalition to Unleash Power's - Coalizão da AIDS para Desencadear o Poder*], de 1987 (WAKIMOTO, 2012).

A década de 1990, por sua vez, foi marcada por uma mudança radical no transativismo e em sua visibilidade. O uso do termo “transgênero” para abranger toda pessoa de gênero inconforme, o advento da popularização da internet e o trágico assassinato de Brandon Teena em 1994¹⁵, de acordo com Beemyn, foram eventos que impulsionaram o crescimento do movimento trans estadunidense.

Dos anos 1990 aos anos 2010 a população *queer* dos Estados Unidos obteve conquistas significativas. Entre elas, a criação de uma política nacional sobre a AIDS, em 1993; a supressão, pela Suprema Corte estadunidense, das leis estaduais contra a sodomia em 2003; e a legalização do casamento homoafetivo em 2015 (HILLSTROM, 2016).

Durante todo esse percurso, o direito à memória e história também foi uma pauta importante no movimento *queer*. Três instituições pioneiras foram fundadas em Berlim: o Instituto de Ciência Sexual, em 1919, fundado pelo médico socialista, judeu, gay e cisgênero Magnus Hirshfeld que, apesar de ter como objetivo o estudo da sexologia, guardava e produziu vasto acervo; o *Gründerzeit Museum*, em 1960, fundado pela mulher transexual Charlotte von Mahlsdorf, que se tratava de um espaço clandestino no qual objetos do cotidiano eram expostos; e o *Schwules Museum* [Museu Gay], em 1985, voltado para a história e memória de homens cisgêneros gays até os anos 2000 (BAPTISTA e BOITA, 2014; KOSKOVICH, 2014; AGUIAR, 2020).

No cenário estadunidense, as primeiras iniciativas emergiram em meio à “convulsão social” da década de 1960 e partiram do próprio movimento LGBTQIAP+. Sem apoio de instituições formais de pesquisa, intelectuais e ativistas passaram a coletar objetos, documentos, produzir história oral e escrever sobre os passados *queer* (WAKIMOTO, 2012; BOITA, 2018). Nesta atmosfera, foram fundados, por exemplo: o *Tucson Gay Museum* [Tucson: Museu Gay], em 1967, do Arizona; o *Leslie-Lohman Museum of Gay and Lesbian Art* [Leslie-Lohman: Museu de Arte Gay e Lésbica], em 1969, em Nova Iorque; o *Stonewall National Museum and Archives* [Museu e Arquivo Nacional Stonewall] em 1973, na Flórida; o *June L. Mazer Lesbian Archives* [Arquivo Lésbico June L. Mazer], em 1981, Los Angeles; e a *GLBT Historical Society* [Sociedade Histórica GLBT], em 1985, em São Francisco (BAPTISTA e BOITA, 2014; KOSKOVICH, 2014; BOITA, 2018). Destaco que a Sociedade História GLBT teve como um de seus fundadores o ativista Lou

¹⁵ Brandon Teena foi um homem trans assassinado com apenas 21 anos, no estado de Nebraska, em 1994. Sua história inspirou o filme *Boys Don't Cry* [Meninos Não Choram], de 1999.

Sullivan (1951-1991), homem trans gay que visivelmente marcou o trabalho na organização, pois o arquivo abrangia documentação de pessoas trans e bissexuais, diferindo do vínculo de boa parte dos grupos de militância lésbica e gay cis-gêneros com sujeitos trans e não-monossexuais. Ainda nos anos 1980, ocorreu o *NAMES Project AIDS Memorial Quilt* [Projeto NOMES - Colcha Memorial da AIDS]¹⁶, que foi um marco na luta por direito à memória e história *queer*, pois memorizava vítimas da AIDS através de painéis de colchas. O projeto foi exibido em 1987, em Washington, e proporcionou grande visibilidade para a devastação da pandemia da AIDS no país¹⁷ (HILLSTROM, 2016).

Os anos 2000 e o início da década de 2010 marcam um *boom* na constituição de exposições, projetos e fundações de espaços de cultura, memória e história LGBTQIAP+. No continente americano, podemos citar, entre as iniciativas: o Museu Travesti, localizado no Peru, criado em 2003; o Acervo Bajubá, em 2010, no Brasil; *Archivo de la Memoria Trans* [Arquivo da Memória Trans], fundado em 2012, na Argentina; o *GLBT History Museum*, fundado em 2011, em São Francisco (EUA); o Museu Q, criado em 2014 na Colômbia; e o *Digital Transgender Archive* [Arquivo Digital Transgênero], em Boston (EUA), em 2016 (BOITA, 2018). Através da cartografia realizada por Tony Boita (2018) sobre tais empreendimentos no século XXI — com vasta abrangência geográfica, abarcando Nova Zelândia, África do Sul, Índia, Brasil e Holanda, por exemplo —, descobrimos que, de 2000 a 2017, 109 iniciativas museológicas LGBTQIAP+ foram criadas no mundo.

Dessa maneira, torna-se evidente que o projeto do *National Museum LGBT* foi criado imbuído em um largo contexto de constituição de espaços que retiram do subterrâneo (POLLAK, 1989) as memórias — e histórias e culturas — LGBTQIAP+ e as colocam em disputa com as memórias oficiais. Inclusive, tal projeto tem repercutido na mídia estadunidense, pelo menos, desde 2012¹⁸, na entrevista *Gay CEO on a Christian Loveseat* [CEO gay em uma namoradeira cristã], do *Tablet United States*, concedida por Mitchell Gold, companheiro e apoiador de Tim Gold, idealizador do Museu. Em tal reportagem, já fica visível seus marcadores sociais: ambos são homens, brancos, cisgêneros e ricos.

Assim, não é de se surpreender as preocupações expressas por Anna Conlan¹⁹ e Amy Sueyoshi²⁰ sobre a viabilidade de produção de um Museu tão ambicioso na matéria *The Quest to Build a National LGBT Museum* [A Missão por Construir um Museu Nacional LGBT], de Hugh Ryan²¹ (2013), para o site *Slate*. Ambas consideraram perceptível a divergência em relação a forma como história *queer* estadunidense tem se constituído desde a década de 1960, a partir de empreendimentos locais, comunitários e criados no seio do ativismo; e a

16 Segundo Hillstrom, o memorial chegou a conter 48.000 painéis espalhados pelo país, tornando-se a maior obra de arte comunitária do mundo, nominada para o Prêmio Nobel. Infelizmente, isso significa uma quantidade catastrófica de mortos pela pandemia, responsabilidade, sobretudo, do governo federal norte-americano que, na época, por LGBTfobia, não tomou medidas para evitar tantas mortes desnecessárias.

17 De acordo com Tony Boita (2018), empreendimentos similares ocorreram também na Alemanha, Austrália, Brasil, Canadá, Holanda e Portugal.

18 Conforme já mencionado, em minha monografia selecionei 10 matérias jornalísticas, todas disponíveis online, que datam de 2012 a 2016 e tiveram como assunto principal ou secundário o National Museum LGBT ou a Velvet Foundation. É possível acessá-las através dos endereços virtuais disponíveis nas referências bibliográficas.

19 Pesquisadora na área de Museologia *queer*, historiadora da arte e curadora.

20 Fundadora e curadora do *GLBT History Museum*, professora universitária e historiadora, pesquisa raça, etnia, sexualidade e gênero.

21 Escritor, curador, palestrante e fundador do *Pop-Up Museum of Queer History*.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

distância social que há entre o casal Gold e a heterogênea comunidade LGBTQ-PIA+ estadunidense, repleta de sujeitos negres, latines, trabalhadoras, mulheres, *butchs* [“sapatonas”], pessoas trans e não-monossexuais. Em suas palavras,

[...] Indivíduos e organizações de base como o *Lesbian Herstory Archives* de Nova York, fundado em 1974, preservaram os legados de pessoas e comunidades LGBT muito antes de ser possível considerar uma instituição na mesma escala do que a *Velvet Foundation* está propondo. [...] a história é uma parte importante da armadura psíquica que permite que pessoas marginalizadas sobrevivam em um mundo difícil [...] “Eu quero que seja muito vigilante em sua missão, de modo que não apenas produza histórias sobre homens brancos gays” [...] para que todas as histórias contadas sejam em camadas e complexas [...] Como a maioria das coisas na vida, o fato de o museu ser capaz de fazer isso tem a ver, em parte, com a origem do dinheiro [...] “há essa tensão de ‘quanto poderemos realmente falar sobre as coisas’ que pode ofender as pessoas que têm poder na América... Eu quero que o museu nacional nem sempre monte exposições que trarão o público com maior poder financeiro”. (RYAN, 2013)²²

Os pronunciamentos de Conlan, Sueyoshi e Ryan expressam um clima de apreensão na recepção do *National Museum LGBT* por seus pares. “Em um misto de estranhamento e preocupação, torna-se evidente que um empreendimento desta dimensão detém grande pertinência sociopolítica” (TEDESCO, 2018: 42).

Ainda, através das matérias selecionadas, sabemos que em 2007 foi criada a *Velvet Foundation*, com objetivo de arrecadar subsídios financeiros para o projeto do Museu. Com o mesmo propósito, a *Arcus Foundation* apoiou o projeto, além de doadores individuais (RYAN; 2013; O’CONNEL, 2013). Além disso, destaque que, para além da apreensão provinda dos próprios pares, o *National Museum LGBT* enfrentou dificuldades, sobretudo, para encontrar um local físico para abrigar o Museu — que atualmente é apenas *online*. Tim Gold explicou que lhes foi negada isenção de impostos pelo governo federal para a realização do projeto e algum lugar próximo ao *National Mall* — o que torna visível as obstruções colocadas pela cisheteronormatividade no caminho da inserção de memórias queer em memórias oficiais. Por tal motivo, o campo de possibilidades passou a se localizar em Nova Iorque. Entretanto, o plano era inaugurar o Museu em 29/06/2019 — no aniversário de 50 anos da Rebelião de Stonewall —, o que, como mencionado anteriormente, não ocorreu. (O’,CONNELL, 2013; COOPER, 2016).

22 “Private individuals and grass-roots organizations such as New York’s Lesbian Herstory Archives, which was founded in 1974, preserved the legacies of LGBT people and communities long before it was possible to even consider an institution on the scale of what the Velvet Foundation is proposing. [...] history is an important part of the psychic armor that allows marginalized people to survive in a difficult [...] world [...] She hopes that a national LGBT museum will embrace a wide spectrum of LGBT experiences and identities. ‘I want it to be very vigilant in its mission so it doesn’t just produce stories about gay white men,’ [...] so that all the stories they tell are layered and complex [...] As with most things in life, whether the museum is able to pull this off has to do, in part, with where the money comes from [...] ‘there’s this tension of ‘how much are we really going to be able to talk about things’ that might offend folks who have power in America... I want the national museum to not always mount exhibits that will bring in the largest financial audience.’” (RYAN, 2013).

“Nós somos naturais”? A prática historiográfica do *National Museum: LGBT History and Culture*

Se é verdade que a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isto ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção. Falando em geral, cada sociedade se pensa “historicamente” com os instrumentos que lhe são próprios. [...] a história é mediatizada pela técnica (CERTEAU, 1982: 78).

Com base em Michel de Certeau (1982: 2011), entendo que técnica, método e referenciais teórico-metodológicos separam a história da literatura. Todavia, a prática historiográfica começa com a interpretação. A história, nesse sentido, é “como uma mistura de ciência e de ficção, ou como um lugar em que se reintroduz o tempo” (CERTEAU, 2011: 48). Assim, é necessário questionar de que maneira vestígios históricos se ressignificam através dos olhares e técnicas historiográficas e transformam-se de “objetos naturais” para “documentos historicizados” ou “musealizados”. A prática de transmutação de um item de “elemento natural” para “elemento histórico-museal” é realizada a partir de uma posição de poder sociopolítico que legitima ou deslegitima determinadas interpretações e produções de saber-poder (HARAWAY, 1995; FOUCAULT, 2013).

Em vista disso, minha investigação referente à prática historiográfica no *National Museum LGBT: History and Culture* teve os seguintes questionamentos e objetivos de análise orientadores:

[...]o que faz o *National Museum LGBT* constituir uma narrativa histórica e não narrativas literárias? [...] quais objetos e quais relatos estão sendo coletados para elaborar as narrativas históricas que o museu abrigará? Como essa materialidade transforma-se e ressignifica-se do natural para o histórico? [...] buscarei analisar as potencialidades de tensionamento à cisheteronormatividade e LGBTfobia presentes na prática da operação historiográfica do *National Museum LGBT*. Ademais, procurarei complexificar tal foco tendo em vista a heterogeneidade da comunidade LGBTQ+ e a interseccionalidade necessariamente implicada aos indivíduos que a formam. (TEDESCO, 2018: 45-46)

Para tanto, foram analisadas: a seção *Collections* [Coleções] do site do Museu, subdividida em *Collections Policy* [Política de Coleções] e *Preview Our Collection* [Pré-visualize Nossa Coleção]; duas matérias jornalísticas de 2013 — *Gay couple Tim and Mitchell Gold behind effort to open LGBT museum in D.C.* [Casal gay Tim e Mitchell Gold estão por trás dos esforços para inaugurar um museu LGBT em D.C.], de autoria de Jonathan O’Connell e publicada no *Washington Post*; e *LGBT museum seeks to preserve our history* [Museu LGBT busca preservar nossa história], de Chris Kane para o *Washington Blade* —; e o planejamento estratégico do Museu, o *Here I Am* [Aqui Eu Estou/Sou].

Tendo como horizonte reparar o apagamento da história e da cultura LGBTQIAP+ estadunidense a nível nacional, os idealizadores do *National Museum LGBT* precisaram elaborar um plano de ação que estivesse de acordo com as expectativas de um projeto desta dimensão. Por isso, compuseram uma equipe com profissionais de instituições museais como a *Smithsonian Institution* e o *United States Holocaust Memorial Museum* [Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos] para criar a Política de Coleções (VELVET FOUNDATION, 2016b). Esta política versa sobre os métodos historiográficos quando, por exemplo, coloca como objetivo incorporar a diversidade da comunidade

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

queer na sua Declaração de Propósito; na Declaração de Visão do Museu, por sua vez, são elencadas sete atribuições ao museu: educação, extensão nacional e colaboração, inovação, preservação, pesquisa acadêmica, responsabilidade social, e unificação cultural (VELVET FOUNDATION, 2016c). No que condiz aos tipos de objetos, a lista exposta na Política de Coleções contém enorme variação, como produções artísticas, objetos pessoais, entrevistas de história oral, roupas, diários, áudios e produções audiovisuais.

Junto à Política de Coleções, em seu Planejamento Estratégico também encontram-se as aspirações do Museu, as quais pude identificar: justiça social; historicização das experiências e identidades *queer* — coletivas e individuais; desconstruir a ideia de uma instituição “família tradicional” cisheteronormativa; incluir a história LGBTQIAP+ no seio da história nacional estadunidense (VELVET FOUNDATION, 2016c; VELVET FOUNDATION, 2016e). No que condiz à justiça social, é interessante destacar os tópicos *Unificação Cultural* e *Responsabilidade Social* da Política de Coleções:

Oferecer um lugar e meios para que as pessoas LGBT busquem objetivos mútuos e promovam uma identidade compartilhada [...] Melhorar o bem-estar de todas as comunidades humanas, proporcionando um fórum público seguro para indivíduos e grupos confrontarem, debaterem e trocarem ideias. (VELVET FOUNDATION, 2016c)

Ou seja, “duas premissas relevantes orientam o olhar desta técnica historiadora: a relação entre história, memória e identidade coletiva LGBT; e a democratização desta memória e o diálogo, a fim de promover a desconstrução da cisheteronormatividade e LGBTfobia” (TEDESCO, 2018: 48).

Em seu supracitado Planejamento Estratégico — *Here I Am*, também são apresentadas as temáticas condutoras do Museu: *Being Me*, *Being Family*, *Being Us* e *Being Me In America* [“Sendo Eu”, “Sendo Família”, “Sendo Nós” e “Sendo Eu na América”]. O projeto é para que cada uma contenha um elemento de exibição, alguns interativos. Tanto em *Being Me* quanto em *Being Family*, a ideia é que a interação ocorra através de uma interface *touch-screen* na qual visitantes podem registrar suas histórias. Na primeira seção, registrar-se-ão relatos acerca de processos de compreensão e afirmação de si enquanto sujeitos *queer*. Na segunda, relatos sobre configurações familiares *queer*, que busquem combater a LGBTfobia que recai contra o casamento homoafetivo, a parentalidade LGBTQIAP+ e crianças e adolescentes *queer*. Tais relatos passarão por duas seleções: para serem incluídos no arquivo digital do Museu e para serem exibidos.

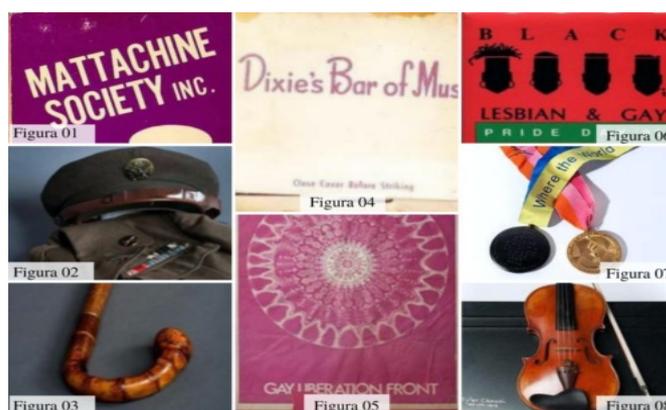
No eixo *Being Me In America* — no qual encontram-se narrativas de caráter nacionalista, haverá dois elementos interativos: o primeiro trata-se de um quiz denominado *The Science of Sex – Interactive* [A Ciência do Sexo – Interativo] que abarca os estudos científicos sobre as sexualidades humanas do século XIX em diante; o segundo, intitulado *Places and Spaces* [Lugares e Espaços], objetiva estabelecer uma experiência em que visitantes “viajem” para lugares que pessoas *queer* habitavam em outros tempos e espaços da história dos Estados Unidos.

Assim, compreendo que há uma intencionalidade do Museu não somente em interagir com o público, mas em complexificar as narrativas históricas com base nestas interações. Todavia, os critérios de seleção não estão disponíveis, seja no Planejamento, seja no site do Museu ou em alguma matéria analisada.

Tendo em vista tais objetivos e perspectivas museológicas e historiográficas, Tim Gold elucida que viajou pelos Estados Unidos para visitar ativistas *queer* e/ou familiares, explicando sobre seu projeto, a fim de obter artigos para a coleção. Além disso, o Museu recebeu doações espontâneas e de outras instituições, como do Museu do Sexo, fazendo com que de 2008 a 2016 fossem adquiridos mais de 5.000 artefatos, a partir de processos de aquisição e seleção diversos (O'CONNELL, 2013; VELVET FOUNDATION, 2016c).

Ainda, apesar da extraordinária quantidade de itens na coleção do Museu, em *Preview Our Collection* havia somente 27 exemplares, dos quais pude analisar 24²³. Dentre estes: 14 faziam referência a uma maioria de pessoas cisgêneras e monossexuais (gays e lésbicas), apesar de 1 deles também fazer alusão à pessoas trans, *dragqueens* e *crossdressers*; 2 referiam-se especificamente a mulheres cis lésbicas; 7 referiam-se especificamente a homens cis gays. Quanto a bissexuais, pansexuais, assexuais e pessoas intersexo, não identifiquei nenhum objeto que conte suas histórias. No que diz respeito à raça e etnia, somente dois itens referem-se a pessoas *queer* negras e nenhum refere-se a pessoas de origem latina, indígena ou asiática.

Também é interessante perceber, através destes artigos, as intenções presentes na narrativa e de tessitura de uma história, pois há, entre eles: objetos da *Mattachine Society* e de um de seus fundadores, Franklin Kameny; a bengala de Bayard Rustin²⁴, homem negro, cisgênero, abertamente gay e líder do movimento pelos direitos civis; uma das caixas de fósforos do *Dixie's Bar of Music* [Bar de Música da Dixie], que foi um local de sociabilidade lésbica entre 1939 a 1964 (ANDERSON-MINSHALL, 2011); um pôster da *Gay Liberation Front*; um ímã do dia do orgulho lésbico e gay negro de maio de 1992 em Washington; as medalhas do atleta olímpico de salto ornamental, homem branco, cisgênero, abertamente gay e soropositivo Gregory Efthimios Louganis; e o violino de Tyler Clementi, estudante universitário que foi suicidado por homofobia em 2010. Dessa forma, vemos desde o período do movimento homófilo até a radicalização e pluralização dos anos 1970, 1980 e 1990; bem como dos movimentos sociais às sociabilidades *queer* e os efeitos da LGBTfobia em âmbitos sociais e individuais, como pode-se observar na imagem:



Figuras: 1- documento fundacional da *Mattachine Society*; 2- Uniforme militar de Franklin Kameny; 3- Bengala de Rustin Bayard; 4 - caixa de fósforos do *Dixie's Bar of Music*; 5- Pôster da *Gay Liberation Front*; 6- Ímã do dia do orgulho lésbico e gay negro, Washington, 1992; 7- Medalhas de Greg Louganis, Olimpíadas de 1988; 8- Violino de Tyler Clementi (VELVET FOUNDATION, 2016d)

23 Considerando que a análise se deu através de fotografias publicadas em uma seção do site do Museu, a falta de legendas prejudicou a compreensão do que se tratavam alguns objetos.

24 A voz de Bayard Rustin ecoa até hoje na constituição de organizações *queer* negras nos Estados Unidos, uma, inclusive, foi denominada em sua homenagem, a Bayard Rustin LGBT Coalition [Coalizão LGBT Bayard Rustin].

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

Além disso, é perceptível que a prática da operação historiográfica no *National Museum LGBT* procura reconstituir determinados silêncios históricos. Como coloca Certeau, historicizar significa expor rachaduras de um passado aparentemente homogêneo, escancarando equívocos do que foi produzido como verdade (CERTEAU, 1982; 2011; FOUCAULT, 2008), porém, a historiografia detém limites de significabilidade e, no caso do Museu, encontrar artefatos é um desses limites. Ainda, apesar da proposta de coletar relatos de visitantes ser uma estratégia de complexificação desta história, o massivo protagonismo branco, cismasculino e elitista do que se pôde apreender até agora, evidencia uma prática que segue os silenciamentos formados pela lógica de uma falsa história coesa.

“Nossa história é a história americana”? A escrita da história no *National Museum: LGBT History and Culture*

Como produto final da operação historiográfica, a escrita da história pode se referir a produções textuais, aulas de história, produções audiovisuais, exposições e quaisquer outras narrativas históricas que tenham sido elaboradas (CERTEAU, 1982; PENNA, 2010; ALVES, 2015; SILVA, 2018). No que diz respeito ao *National Museum LGBT*, as narrativas presentes no *Here I Am* foram compreendidas, em minha investigação, como a escrita historiográfica efetivada pelo Museu.

É interessante ressaltar, que compartilho do entendimento de que o processo da escrita diverge do processo de pesquisa. Primeiro, estruturando-se com base em finitude e cronologia, a fim de tornar a narrativa inteligível. Segundo, entendo que

Enquanto a pesquisa não necessariamente é coesa, e se guia pelas particularidades, heterogeneidades e diferenças, a escrita parece buscar coesão e costurar pontos distribuídos no tempo e espaço a fim de conectar passado e presente. Além disso, outro ponto importante para compreender a escrita histórica é a de que ela própria é uma prática social. Afinal, a História como prática não fabrica uma história, o que a fabrica é seu elemento discursivo - escrito, museológico, pedagógico ou arquivístico - que detém funções sociais e que (re)produz por si só o lugar da história na sociedade. (TEDESCO, 2018: 59).

Dessa maneira, enquanto na análise da prática historiográfica, investigamos quais objetos foram considerados “historicizáveis” e por quais motivos; na análise da escrita historiográfica investigaremos as funções sociais destas narrativas, ou, parafraseando Michel de Certeau, o que o *National Museum LGBT* fabrica quando escreve.

Sendo assim, as seguintes problemáticas orientaram tal pesquisa: a função social do museu possibilita o tensionamento e o combate da cisheteronormatividade e da LGBTfobia? “[...] como a escrita historiográfica no *Here I Am* dialoga (ou não) com os Estudos de Gênero e com diferentes segmentos do movimento LGBTQ+ estadunidense? Há essencializações e/ou biologizações relacionadas aos conceitos de gênero, sexo e sexualidade?” (TEDESCO, 2018: 60). Reitero que tais questões são relevantes, também, porque

[...] Como transgênero, me vejo impelido a analisar as diferentes concepções de gênero, sexo e desejo, pois minha própria existência, meu próprio corpo (e de tantos/as/es outros/as/es) são atos performáticos e discursivos que transgridem e tensionam as concepções do determinismo e do fundacionalismo biológicos. Assim, compreendo que corpos não são materiais neutros, pois passam por processos de materialização e de significação, e também pela produção de significados dentro do sistema gênero/sexo e desejo (BUTLER, 2015; FAUSTO-STERLING, 2001). (TEDESCO, 2018, p. 61).

Para tanto, foram analisadas: as sete mensagens-chave que orientam o trabalho do *National Museum LGBT*; e narrativas presentes nos supracitados eixos *Being Me, Being Family, Being Us* e *Being Me in America*.

Acredito que as mensagens-chave corroboram na compreensão das perspectivas historiográficas e acerca dos Estudos de Gênero, bem como demonstram o diálogo (ou falta dele) com os movimentos sociais LGBTQIAP+ estadunidenses. São elas:

Nós somos naturais. Expressão de gênero e identidade sexual não são a mesma coisa. No entanto, ambos necessariamente nos constituem como humanos.

Nós somos complexos. Cada um de nós existe em múltiplos “mundos interativos”: eu, família, comunidade e sociedade.

Nós sempre estivemos aqui. As pessoas que não estão em conformidade com as normas da sociedade sempre existiram. O que mudou é como os outros nos percebem, rotulam e tratam.

Nós somos sobreviventes. Dor, raiva, isolamento e abandono fazem parte da experiência LGBT, assim como perseverança e orgulho. Tragédias também nos uniram.

Nós somos plurais. Nossa história é uma entre histórias e culturas - um mosaico de comunidades moldadas por onde vivemos, quando vivemos, nossa classe, nossa herança e como expressamos nossa sexualidade e gênero. O pluralismo também criou conflito e disputa entre nós.

Nossa história é a história da América. As pessoas LGBT contribuíram em todas as facetas da sociedade americana - a maioria como cidadãos comuns, mas muitos como principais arquitetos de nossa história política, cultural e social nacional.

Nós somos como você. A maioria das nossas histórias são sobre pessoas que querem apenas a liberdade de serem elas mesmas. (VELVET FOUNDATION, 2016e: 12).²⁵

Essas mensagens foram dispostas no Planejamento primeiro em conjunto e, depois, espalhadas pelo documento, com imagens carregadas de significado, conforme pode-se ver a seguir:

25 “We are natural. Gender expression and sexual identity are not the same things. However, both are inseparable from being human. We are complex. Each of us exists in multiple, interacting worlds: self, family, community, and society. We’ve always been here. People who do not conform to society’s norms have always existed. What has changed is how others perceive, label, and treat them. We are survivors. Pain, rage, isolation, and abandonment are part of the LGBT experience, but so are perseverance and pride. Tragedies also have brought us together. We are plural. Our story is one of histories and cultures - a mosaic of communities shaped by where we live, when we lived, our class, our heritage, and how we express our sexuality and gender. Pluralism also has created conflict and contention among us. Our story is America’s story. LGBT people have contributed to every facet of American society - most as ordinary citizens but many as principal architects of our national political, cultural, and social history. We are like you. Most of our stories are about people who only want the freedom to be themselves”. (VELVET FOUNDATION, 2016e, p.12).



Com base nelas podemos compreender algumas questões. Primeiro, a noção de que gênero, sexo e desejo são inerentes ao ser humano e de que a diversidade é natural, através de “Nós somos naturais” (figura 9). Ainda, tal natureza correlaciona-se ao entendimento de que há pluralidade e heterogeneidade nas formas de “ser e estar *queer*” e nas experiências LGBTQIAP+, reforçadas pelas mensagens “Nós somos complexos” (figura 10), “Nós somos sobreviventes” (figura 12) e “Nós somos plurais” (figura 13). Por sua vez, a mensagem “Nós sempre estivemos aqui” (figura 11) revela um viés essencialista nas concepções de gênero e sexualidade (re)produzidas pelo Museu, assim como a naturalização das categorias e identidades sexuais e de gênero contemporâneas, afinal, “O que mudou é como os outros os percebem, rotulam e tratam” (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 12). Em “Nossa história é a história da América” (figura 14) o cunho fortemente nacionalista do *National Museum LGBT* destaca-se, expressando sua principal intenção historiográfica: elaborar uma narrativa história *queer* nacional. Já em “Nós somos como você” (figura 15), constato que a frase está direcionada para pessoas cis e heterossexuais. Na fotografia, há dois homens brancos, em frente, um policial, atrás, um manifestante segurando um cartaz no qual afirma ser humano, ao interpretá-la, compreendo que “esta mensagem-chave expressa o propósito da instituição de promover a humanização da população LGBTQ+ nos Estados Unidos, direcionado a quem “já é humano” sob os olhos da cisheteronormatividade” (TEDESCO, 2018: 65).

Ademais, observei que de cinco imagens com fotografias, três apresentam exclusivamente pessoas brancas (e em duas delas homens brancos), apenas em uma aparece uma pessoa asiática e também é única a imagem na qual há pessoas negras (figuras 10 e 13, respectivamente). Isto demonstra: a presença do racismo e do colonialismo nas relações étnico-raciais na comunidade *queer* estadunidense? As limitações e interesses que provêm da localização dos produtores dessa narrativa (homens brancos, cisgêneros, ricos e gays)? Ou as duas problemáticas entrelaçadas?

No que condiz às narrativas presentes nos eixos temáticos do Museu, tratam-se de 35 textos curtos que abrangem um vasto período histórico (dos séculos XVII a XXI), dispostas em *Being Family*, *Being Us* e *Being Me in America*.

Infelizmente, não tive acesso às fontes e aos referenciais que serviram de base para a elaboração desta escrita historiográfica, por isso há incertezas diante da análise exposta abaixo.

Assim como a prévia da coleção, o protagonismo, nestas narrativas, é majoritariamente branco, cismasculino, cisgênero, homossexual e das elites — marcadores que com frequência estão combinados, mas nem sempre —, o que é possível apreender através das tabelas:

Tabela 01: Representatividades na Escrita Historiográfica do *National Museum: LGBT History and Culture* - identidades queer/LGBTQIAP+

	Being Family	Being Us	Being Me In America	Resultado
Lésbicas	5	9	2	16
Gays	3	10	12	25
Bissexuais	0	2	0	2
Pessoas Trans	1	0	1	1
Outres*	0	0	1	1

*Intersexuais, pansexuais e outras identidades pertencentes à comunidade LGBTQ+, e/ou pessoas de gênero inconforme não assimiladas como transgêneras nas narrativas analisadas

Fonte: elaborada pelo autor

Tabela 02: Representatividades na Escrita Historiográfica do *National Museum: LGBT History and Culture* - gênero

	Being Family	Being Us	Being Me In America	Resultado
Homens	3 ou 4*	11	12 ou 13*	entre 26 e 28
Mulheres	5 ou 6*	10	2 ou 3*	entre 17 e 19
Não-binários e outros**	0 ou 1*	0	1	1 ou 2

Fonte: elaborada pelo autor

* Números possíveis/incertos pois dependem da perspectiva historiográfica diante da inconformidade de gênero e da transgêneridade;
 ** Considerando outras formas de subjetivação e materialização de si em termos de identidade de gênero, para além do binário masculino-feminino do sistema contemporâneo.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

Tabela 03: Representatividades na Escrita Historiográfica do *National Museum: LGBT History and Culture* - raça/etnia

	Being Family	Being Us	Being Me In America	Resultado
Asiáticos	5	9	2	16
Branco	?	?	10	10 ou mais
Indígenas	1	?	?	1 ou mais
Negros	?	3	3	6 ou mais
Outres*	0	0	0	0

Fonte: elaborada pelo autor

*Considerando outras identidades étnico-raciais que aparecem na história estadunidense.

As incertezas manifestadas nas tabelas expõem os desafios de uma operação historiográfica *queer*, como a falta de determinados vestígios ou de perspectivas interpretativas aguçadas, anticisnormativas, transfeministas, antirracistas, decoloniais etc. A forma como pessoas de gênero inconforme estão caracterizadas, as escolhas do que é ou não marcado em termos de raça, classe e identidade de gênero apontam para isto. Para exemplificar, trago aqui a única narrativa que faz referência a um passado que podemos considerar trans, também é a única que aborda uma cultura originária da América, a história denominada “Dois Espíritos”:

Em cerca de 130 tribos nativas americanas, os homens que assumiram o vestuário e os papéis costumeiros das mulheres não eram apenas uma parte aceita de suas comunidades, mas muitas vezes reverenciados por suas qualidades espirituais especiais. Em algumas tribos, os machos transgêneros tinham liberdade para se casar com outros homens ou para formar parcerias de longo prazo com pessoas do mesmo sexo. Embora os missionários europeus tenham acabado por expulsar esses homens para a clandestinidade, a tradição, conhecida como “Dois Espíritos”, ainda está viva entre os povos nativos. (Mulheres também assumiram papéis masculinos, com algumas delas se tornando chefes tribais ou guerreiros). (VELVET FOUNDATION, 2016e: 20)²⁶

O ciscolonialismo é explícito nesta narrativa, pela maneira como a tais experiências e identidades gênero-sexuais são interpretadas. Iniciando pela cisnormatividade, foi considerado que homens vestissem roupas de mulheres e mulheres vestissem roupas de homens, designando identidades de gênero de maneira genitalista. Ainda, seguindo um molde de pensamento moderno-colonial, esta significação de gênero foi atribuída do presente para o passado, incutindo uma concepção de gênero e corporalidade da matriz branco-cisgênera sem considerar que *two-spirit* já era em si uma identidade de gênero reconhecida nas

26 “ In as many as 130 Native American tribes, men who took on the dress and customary roles of women were not only an accepted part of their communities but often revered for their special spiritual qualities. In some tribes, transgender males were free to marry other men or to form long-term same-sex partnerships. Although European missionaries ultimately drove these men underground, the tradition, known as ‘Two Spirit’, is still alive among native peoples. (Women also took on male roles with some of them becoming tribal chiefs or warriors)” (VELVET FOUNDATION, 2016e: 20).

culturas nativo-americanas. Inclusive, atualmente, há pessoas *two-spirit* que também se autodenominam transgêneras, todavia, dentro da lógica ciscolonial, tal narrativa pressupõe que esses sujeitos fossem cisgêneros (SIMAKAWA, 2015; ZAMAN, 2019).

Outra problemática identificada foi de cunho machista: a necessidade de justificar os relacionamentos lésbicos, enquanto relacionamentos entre homens cis não foram. Isto ocorreu em “Faculdades para mulheres [...]”, na qual declaram que “[...] as mulheres cultivam relacionamentos amorosos entre si na ausência de homens.” (VELVET FOUNDATION, 2016e: 21). Ademais, “Ser Eu na América” é o segmento no qual torna-se mais evidente um alinhamento do museu com um projeto branco-cismasculinista, pois o foco nos “arquitetos da nação” foi um foco em trajetórias de homens brancos cisgêneros que fizeram parte da elite de seus tempos. Além disso, apenas negros e indígenas foram identificados em termos étnico-raciais e somente transgêneros em termos de identidade de gênero. Ou seja, a branquitude e a cisgeneridade foram (re)produzidas através do silêncio de uma pretensa normalidade.

Conclusão

“Nós somos complexos”: problematização da operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture em evidência*

Nas três seções deste artigo, tornam-se evidentes os desafios da operação historiográfica em um projeto ambicioso como o do *National Museum LGBT*. Sem dúvidas, a heterogeneidade inerente à comunidade queer estadunidense, somada às hierarquizações sociais em torno de raça, classe e gênero, sexualidade e diversidade corporal, é o seu maior contratempo. As relações de poder que constituem nossa sociedade não escapam a este contingente populacional, como foi possível apreender a partir da compreensão do lugar social do Museu, bem como está presente tanto na sua prática quanto na sua escrita historiográficas.

Todavia, embora haja hierarquizações e heterogeneidade, o marcador social da diferença de divergir da cisheteronormatividade é a identificação que une pessoas LGBTQIAP+, pois, como coloca Avtar Brah (2006: 363): “a diferença como relação social pode ser entendida como as trajetórias históricas e contemporâneas das circunstâncias materiais e práticas culturais que produzem as condições para a construção das identidades de grupo”. Além disso, compartilhado do entendimento de que a memória e a história detêm papéis importantes na formação de identidades sociais e, quando tais grupos são subalternizados, marginalizados, inferiorizados e/ou desumanizados, o emersão e enquadramento de memórias desobedientes tem o poder de tensionar o sistema²⁷ a fim de consolidar-se, *reexistindo*, impondo seu direito à existência (POLLAK, 1992; BRAH, 2006; BOITA, 2018)

Dessa forma, constato que, para se instaurar como um espaço de memória e história queer estadunidense, produtor de identidades LGBTQIAP+ nacionais, o *National Museum: LGBT History and Culture* enfrenta os “desafios da memória e da diferença como constituintes desta identidade. Isto é, da nego-

27 Inspiro-me em Viviane Vergueiro Simakawa (2015) para escrever sistema com C — sistema — , e palavras derivadas, como sistemático — sistemático — , para fazer alusão à cisheteronormatividade como um sistema de gênero/sexo desejo que estrutura as relações e modos de subjetivação em termos de gênero em nossa sociedade.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

ciação de memórias da diferença, e das diferenças no interior destas memórias em disputa dentro da própria comunidade LGBTQ+” (TEDESCO, 2018: 72). Entretanto, qual a possibilidade de isso acontecer sem abranger a pluralidade? Sem um viés interseccional, decolonial, transfeminista e anticisnormativo?

A partir da minha análise, concluí que o Museu apresenta uma operação historiográfica ciscolonialista, cismasculinista e branca, o que significa que está distante dos seus próprios ideais de diversidade e justiça social. Assim, as preocupações expressadas por Anna Conlan e Amy Sueyoshi, devido aos marcadores sociais de seu idealizador e diretoria (homens brancos, cisgêneros, ricos e gays), fazem-se muito pertinentes. Dessa forma, considero que além de estar distante de seu público em toda sua abrangência, o Museu também está a serviço de estruturas de poder que mantêm a comunidade *queer* em situações de vulnerabilidade social.

É de extrema relevância tocar nesse assunto, pois nas trincheiras de batalha, desbravando o campo de possibilidades que engendrou o lugar social do *National Museum LGBT*, estavam mulheres e homens trans, não-binários, pessoas negras, latinas, indígenas, asiáticas, bissexuais, pansexuais, trabalhadoras e trabalhadores, pessoas em situação de rua... Enfim, toda uma pluralidade de sujeitos que parecem não estar suficientemente representados nesta operação. É de se questionar, por exemplo: por que Christine Jorgensen, Lou Sullivan, Mario Martino e Marsha P. Johnson não fazem parte do *Being Me in America*? Por que os atos de rebeldia civil no *Cooper's Donut*, na lanchonete *Dewey* e na cafeteria *Compton* não são mencionados? Por que nenhuma entidade de movimentos sociais trans, intersexo ou não-monossexual é mencionada?

Ainda, considero que o Museu demonstrou estar mais próximo das estratégias de essencialização das identidades *queer*, bem como flertou com o *determinismo* e *fundacionalismo biológicos* (NICHOLSON, 2000). Em relação à homossexualidade, a proposta contemplou a ideia de que a diversidade sexual é natural e atravessa as sociedades humanas ao longo do tempo. Todavia, tal essencialização é cisnormativa e colonialista — ciscolonialista —, tendo em vista que não houve efetiva historicização da generificação dos corpos, dos desejos e das identidades em diferentes sistemas de gênero/sexo e desejo em outros tempos e espaços (como as sociedades nativo-americanas mencionadas anteriormente), que escapam ao entendimento ciscolonial-moderno de categorizações (LUGONES, 2008; BEEMYN, 2014; SIMAKAWA, 2015).

Contudo, compreendo que “as disputas sobre essencialismo versus desconstrucionismo também formam a comunidade *queer* em sua heterogeneidade” (TEDESCO, 2018: 74). Porém, o posicionamento teórico do essencialismo está alinhado com uma lógica biologizante e patologizante. Assim, embora tal concepção esteja de acordo com uma parcela da população LGBTQIAP+ estadunidense, tem efeitos nocivos para a mesma em curto, médio e longo prazo.

Ademais, entendo que o *National Museum: LGBT History and Culture* surgiu em um momento de grande efervescência de museus, exposições e projetos de história e memória voltados para a população LGBTQIAP+, na primeira quinzena do século XXI (BOITA, 2018) que, por sua vez, é proveniente de uma história secular de luta por direitos e justiça *queer* nos Estados Unidos da América. Conforme coloquei no início deste artigo, esta é uma história repleta de avanços, retrocessos, disputas e complexidades. Assim, de maneira lamentável, em 2016 o país dos ianques elegeu Donald Trump para presidente, numa onda neofascista de proporções globais, através da qual a violência de gênero foi legitimada por discursos de autoridades estatais.

Nesse cenário, a desumanização contra a população *queer*, principalmente pessoas trans, avançou algumas casas no jogo da história, fazendo com que as políticas voltadas para tal contingente populacional, bem como as possibilidades de viver com dignidade, retrocedessem gravemente. Foi revogado o reconhecimento das transidentidades para servidores públicos estadunidenses, as pessoas trans foram banidas das Forças Armadas do país e foi legalizado que abrigos para pessoas em situação de rua pudessem recusar atender pessoas trans (MOSLEY, 2020). Ou seja, no “país da liberdade”, ter direito a ser quem é nem sempre é uma possibilidade.

Provavelmente devido a esta conjuntura o Museu não inaugurou em junho de 2019, como esperado. A eleição de Joe Biden em 2020, por sua vez, tende a desobstruir os caminhos possíveis para as (re)conquistas dos direitos das pessoas LGBTQIAP+ (VENAGLIA, 2020).

Por fim, é interessante assinalar que o site *National Museum LGBT* passou por uma reconfiguração. Nele, não mais se encontram a prévia da coleção, nem o planejamento estratégico do Museu. Todavia, chama atenção que, após a tragédia ocorrida com George Floyd e todo o movimento *Black Lives Matter* [Vidas Pretas Importam] (SILVERSTEIN, 2021), na página inicial do Museu encontra-se uma imagem de Bayard Rustin (figura 16). Dessa maneira, o questionamento acerca deste projeto segue em aberto: será possível constituir um museu nacional estadunidense LGBTQIAP+ que comporte toda a complexidade de identidades de gênero e sexual e não corrobore com as estruturas de poder que buscam jogar para as margens as pessoas *queer*? Como pudemos perceber, vestígios e histórias não faltam, talvez falte descolonizar e *transgredir* os olhares desta operação historiográfica.

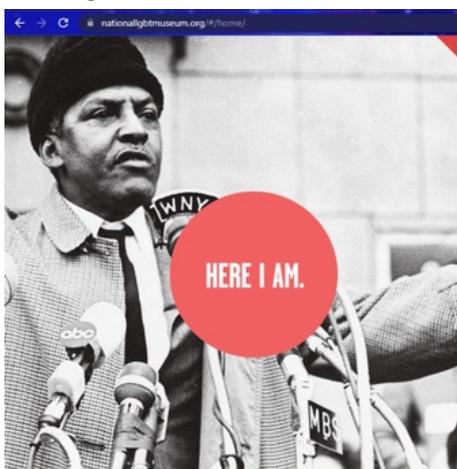


Figura 16: página inicial do site oficial do National Museum: LGBT History and Culture.

Referências

AGUIAR, Juno Nedel Mendes de. *Habitando as margens: a patologização das identidades trans e seus efeitos no Brasil a partir do caso Mário da Silva (1949-1959)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

ANDERSON-MINSHALL, Diane. *Legendary Gay Bar Owner in New Orleans Dies at 101*. In: *Advocate*. 19 de novembro de 2011. Disponível em: < <https://www.advocate.com/news/daily-news/2011/11/19/legendary-lesbian-bar-owner-missdixie-dies-101>>. Último acesso em: 30/11/2021.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

VERY, Dan. Billions Of Bugs Are Having Gay Sex, A National LGBT Museum, Marriage In New Mexico: Today In Gay. In: *New Now Next*. 10/2013. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

BANKE, Luck Yemonja; TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa. Transmasculinidades no Brasil: memórias de um movimento da invisibilidade à luta. In: PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio (Orgs). *A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos; Revista Estudos Transviados, 2021. p. 19-35.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. In: *Cadernos do CEOM - Museologia Social - Ano 27, n. 41*. Chapecó: Unochapecó. Dez. 2014. Pp. 175-192. Disponível em: 77 . Último acesso em: 06/11/2018.

BEEMYN, Genny. *Transgender History in the United States*. E-book. 2014. Disponível em . Último acesso em: 29/11/2018.

BOITA, Tony William. *Cartografia etnográfica de memórias desobedientes*. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás). Goiânia: UFG. 2018. 214p.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu*. n. 26. Campinas: UNICAMP. Jan/jun. 2006. p.329-376.

BRUM, Eliane. Bolsonaro e a autoverdade. jul. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html>. Último acesso em: 26/11/2021

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/ gênero/ desejo. In: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015. p. 17-70.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Os limites discursivos do 'sexo'. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CAPPS, Kriston. National LGBT Museum - It's not likely, but it sure is needed. In: *Washington City Paper*. 06/06/2014. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1982. pp. 105-119.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CISION PR NEWSWIRE. National LGBT Museum Chooses New York as Site for Museum, appoints Jennings Co-Chair. 29/04/2015. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

COOPER, Rebecca. National LGBT Museum abandons plans for D.C., sets sights on New York. In: *Biz Journals*. 19/01/2016. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em Duelo. In: *Cadernos Pagu* (17/18). Campinas: UNICAMP. 2001/02. Pp.9-79.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder* (25ª ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

GREEN, Erica; BENNER, Katia; PEAR, Robert. Governo Trump quer excluir existência de pessoas transgênero da lei federal. In: *Folha de São Paulo*. 21 de outubro de 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/governo-trump-querexcluir-existencia-de-pessoas-transgenero-da-lei-federal.shtml>>. Último acesso em: 30/11/2018.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP. 1995. pp. 07- 41.

HILLSTROM, Laurie Collier. *Defining Moments: The Stonewall Riots*. Detroit: Omnigraphics Inc. 2016. Cópia sem referência de páginas.

HOFFMAN, Allison. Gay CEO on a Christian Loveseat: Fortuniture mogul Mitchell Gold eschews glitzy Democratic confabs for coffe talk with evangelicals. In: *Tablet United States*. 04/09/2012. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

LAQUEUR, Thomas. Da linguagem e da carne. In: *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. pp. 13-40.

KANE, Chris. LGBT museum seeks to preserve our history. In: *Washington Blade*. 02/10/2013. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

KOSKOVICH, Gerard. Displaying the Queer Past: Purposes, Publics and Possibilities at the GLBT History Museum. In: *QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking*. East Lansing: Michigan State University Press. 2014. p. 61-78

LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008.

MATZNER, Andrew. Stonewall Riots. In: *GLBTQ Encyclopedia*. 2015. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

MILLEN, Lainey. LGBT MUSEUM HOLDS FUNDRAISER. *A Wider Bridge*. 06/12/2013. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

MOTT, Luiz; et al. Mortes Violentas de LGBT's no Brasil – Relatório 2017. 2018. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

MOURA, Fernanda. Não existe “ideologia de gênero”. [19 de outubro, 2018]. Entrevista concedida a Professores contra o escola sem partido. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n. 2, 2000.

O’CONNELL, Jonathan. Gay couple Tim and Mitchell Gold behind effort to open LGBT museum in D.C. In: *Washington Post*. 11/01/2013. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcanti de; PORTO, Tauane Caldeira. A Transfobia e a Negação de Direitos Sociais: A Luta de Travestis e Transexuais pelo Acesso à Educação. In: *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. p.322-336.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo. 2021.

PETTIS, Ruth M. Homophile Movement, U.S. In: *GLBTQ Encyclopedia*. 2015. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

POLLAK, Michael: Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV. 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições. 2018.

ROMESBURG, Don. Presenting the Queer Past - A Case for the GLBT History Museum. *Radical History Review*. Durham: Duke University Press. 2014. p. 131-144.

RYAN, Hugh. The Quest to Build a National LGBT Museum. In: *Slate*. 18/10/2013. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n.º 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Ana Celina Figueira da. *Investigações e Evocações do Passado: o Departamento de História Nacional do Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre-RS, 1925-1939)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2018.

SILVERSTEIN, Jason. The global impact of George Floyd: How Black Lives Matter protests shaped movements around the world. In: *CBS News*. 04 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/george-floyd-black-lives-matter-impact/>>. Último acesso em: 12/12/2021.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015. 244p.

STEORN, Patrik. Queer in the museum - methodological reflections on doing queer in museum collections. In: *Lambda Nordica: Queer Methodologies*. 2010. p. 119-136. Disponível em: . Último acesso em: 29/11/2018.

STONEWALL NATIONAL MUSEUM & ARCHIVES. About. s/d. Disponível em: . Último acesso em: 02/11/2018.

STRYKER, Susan. *Transgender History*. Berkeley, CA: Seal Press, 2008.

TEDESCO, Caio de Souza. “Nós somos complexos”: historiografia queer na contemporaneidade - uma análise da operação historiográfica no National Museum: LGBT History and Culture. Monografia (Licenciatura em História), Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999.

VELVET FOUNDATION. About. Nova York. 2016a. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/about>>. Último acesso em: 29/11/2020.

VELVET FOUNDATION. Collections. Nova York. 2016b. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/collections>>. Último acesso em: 29/11/2018.

VELVET FOUNDATION. Collections Policy. Nova York. 2016c. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/collections-policy>>. Último acesso em: 29/11/2020.

VELVET FOUNDATION. Preview Our Collections. Nova York. 2016d. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/preview-our-collections>>. Último acesso em: 29/11/2020.

VELVET FOUNDATION. Strategic Planning – Here I Am. Nova York. 2016e. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/strategic-planning>>. Último acesso em: 29/11/2020.

VENAGLIA, Guilherme. Biden indica primeiro LGBT a cargo no alto escalão do governo americano. In: *CNN Brasil*. 15 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-indica-primeiro-lgbt-a-cargo-no-alto-escala-do-governo-americano/>>. Último acesso em: 15/12/2021.

VIEIRA, Amiel. Intersexo e instersexofobia: Até quando ser eu será um problema?, por Amiel Vieira. In: *Revista Fórum*. 16 de julho de 2021. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/debates/intersexo-e-instersexofobia-ate-quando-ser-eu-sera-um-problema-por-amiel-vieira/>>. Último acesso em: 30/11/2021.

Por uma historiografia transgressora:
problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*

WAKIMOTO, Diana Kiyō. “*You need to know your history*”: Histories and Historiography of Queer Communities in the United States with Emphasis on California. In: *Queer Community Archives in California Since 1950*. Tese, Doutorado em Filosofia. School of Information Systems. Science and Engineering Faculty. Queensland University of Technology. 2012. p. 13-39.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2009. p. 12-42.

ZAMAN, Soraya. *American Boys*. Hillsborough: Daylight books. 2019.